

## RESENHA

**EILAND, H.; JENNINGS, M. W. *Walter Benjamin. A Critical Life.* Cambridge; London: The Belknap Press of Harvard University Press, 2014 - 768 páginas.**

Gustavo Racy\*

Um projeto biográfico extenso como o de Howard Eiland e Michael W. Jennings acerca de Walter Benjamin vem em bom tempo. Como os autores relembram nas primeiras linhas da introdução, é fato que Benjamin seja visto de maneira geral como uma das mais importantes personalidades da modernidade europeia. Em termos filosóficos, evidentemente. Momento em que tanto se comenta a emergência de uma direita extremista, protofascista se não propriamente fascista, é bom contarmos finalmente com uma biografia de Benjamin que nos ajude a desmistificar o ídolo em que foi tornado (um prato cheio à ideologia, seja ela de qual espectro político for), e traga de volta o homem saturnino, irascível, infiel e de senso de humor indelicado. Sobretudo, esta biografia nos ajuda a compreender a conturbada vida da Alemanha na primeira metade do Século XX, de modo que, vista como obra única, essa biografia ajuda a compor a constelação de textos que, para além de vidas específicas, retratam a história social do Século XX.

De modo formal, o texto de Eiland e Jennings segue uma linha cronológica dividida em onze partes sendo a primeira relativa aos anos de 1892 a 1912 e a última aos anos 1939 e 1940, quando da morte de Benjamin. Os autores compõem, portanto, uma estrutura narrativa da vida de Benjamin, por vezes quase romanceada. Considerando-se a extensão da pesquisa empreendida pelos autores, o esforço se mostra bem-sucedida; recorrem às milhares de

---

\* Bolsista CAPES (BEX 1029/15-0), doutorando em Ciências Sociais pela Universidade da Antuérpia. Membro do Visual and Digital Cultures Research Center (ViDi) - [gustavo.racy@uantwerpen.be](mailto:gustavo.racy@uantwerpen.be)

cartas entre Benjamin e seus interlocutores assim como de seus interlocutores a terceiros sobre Benjamin. Do mesmo modo recorrem os autores a depoimentos pessoais, incluindo uma interessantíssima entrevista com as netas e o sobrinho de Benjamin (cf. Jay and Smith 2002), muito provavelmente desconhecida ao público brasileiro, e às obras que serviram de referência à Benjamin ao longo de sua vida. Esta biografia, portanto, devota-se de fato aos acontecimentos, eventos, amores, brigas, viagens e problemas enfrentados pelo filósofo ao longo de sua curta vida. Interessa aos autores estruturar a cronologia faltante às reflexões acerca dos pensamento e da vida de Benjamin. E nisto, de fato, o texto de mais de 700 páginas é bem-sucedido. Além de bem escrito, os autores não se limitam quando discutem, com total propriedade, os detalhes do pensamento benjaminiano, na medida em que relacionam à reconstrução cronológica da vida do filósofo sua produção. Assim, por exemplo, é altamente relevante a articulação feita acerca do papel da linguagem na filosofia de Benjamin de seus anos de estudante até o meados da década de 1920. A recapitulação do pensamento de ex-professores de Benjamin é, para isso, fundamental, destacando-se as diferentes concepções político-pedagógicas em voga no momento e, em especial, a de Gustav Wyneken, de cuja associação Benjamin fez parte, recebendo a herança do pensamento nietzschiano e achando-se pela primeira vez dentro de uma dinâmica atada a posicionamentos de classe social. Do mesmo modo, o debate acerca da redação e significado de textos como “Destino e Caráter” e “*As Afinidades Eletivas* de Goethe”, bem como sua posição no escopo da obra geral de Benjamin, se mostram de grande relevância para o estudo da obra do filósofo. Tratando-se de dois textos consideravelmente complexos no *corpus* benjaminiano, a articulação feita entre o problema do mito e sua presença na história das formas literárias, expressa através deste romance específico de Goethe, ajuda-nos a compreender que, contrário ao modo pelo qual muitas vezes é creditado, o caráter fragmentário da obra de Benjamin não é sinônimo de um caráter assistemático. De fato, o que emerge graças às análises dos textos benjaminianos no espaço da biografia, o que vem à luz nesses quase-ensaios, é o fato de que é possível, ainda que com esforço, ir de encontro ao fundamento sistemático da obra benjaminiana (cf. Ross 2015).

Evidentemente, não se pode compreender tal sistema de modo idealista, tampouco materialista-dialético, porém alegórico como a *Melancolia* de Dürer, na qual cada componente se articula entre si como constelação, formando as bases para uma crítica da cultura.

Partindo da linguagem e caminhando em direção à materialidade, reformulando e rearticulando pensadores diversos, a crítica cultural benjaminiana se mostra, vista como um sistema alegórico, mais do que uma questão de *aura* e reprodutibilidade técnica, assim como mais do que a discussão sobre a alegoria e as passagens, mas uma crítica que exige necessariamente uma teoria do conhecimento múltipla, na qual a percepção – das passagens, da mercadoria, do interior burguês, etc. – tivera seu correspondente mítico já introduzido na obra de Goethe, e que se atualiza na linguagem pós-adâmica. Como editor (Jennings) e tradutor (Eiland) dos escritos escolhidos de Benjamin em língua inglesa, a maestria dos autores no desenvolvimento dos temas benjaminianos é, portanto, evidentemente inegável. Não à toa, essa biografia venha à luz depois de anos de produção intelectual de Eiland e Jennings sobre a obra de Benjamin. Apesar disso, a biografia não é isenta de crítica.

Sem dúvida, a primeira crítica possível se refere à própria construção linear da vida de Benjamin, que flerta com o psicologismo ao relacionar a obra de Benjamin a cada momento de sua vida, dividida em momentos determinados pelos autores. É de fato impossível empreender um projeto biográfico que não relacione obra e vida. Seria isso o mesmo que justificar a obra a partir da vida, entretanto? Na medida em que os autores articulam obra e vida a partir do encontro de Benjamin com seus pares e adversários, eles acertam ao criar um panorama histórico de ideias como produtos históricos. Quando essa articulação é feita a partir do que parece ser uma especulação do estado mental de Benjamin frente à Primeira Guerra, à crise do Marco alemão, à crise matrimonial e etc., o argumento biográfico perde força. Provavelmente por estarem cientes disso, os autores esboçam o mínimo possível de relação direta entre obras e momentos específicos da vida de Benjamin. Entretanto, na medida em que dividem de forma cartesiana o plano da vida do filósofo, essa tentativa falha. Assim, por

exemplo, os autores sobrepõem à disparidade entre Benjamin e Heidegger acerca do tempo histórico, uma desavença quase rancorosa, ao introduzir tal disparidade a partir de uma carta de Benjamin a Scholem (Eiland and Jennings 2014, 91). É preciso perguntar em diversas partes do texto, portanto, em que medida uma “contextualização” da vida do autor contribui à compreensão de sua obra.

Constantemente fazendo referência à ideia de crítica no pensamento benjaminiano, os autores infelizmente não foram capazes de compor uma biografia crítica. Na maior parte desta biografia, vida e obra não estão perto de serem articuladas conforme o próprio Benjamin faz acerca de Goethe ou mesmo Proust ou Kafka. Sem dúvida, Benjamin não pretendia recapitular a vida de cada um destes autores do começo ao fim. Trata-se, portanto, de um projeto eminentemente diferente; um que (e esse talvez seja o cerne desta biografia), não é benjaminiano, isto é, um que não articula nenhum dos preceitos, seja o de montagem, de constelação ou de imagem de pensamento, sobre os quais Eiland e Jennings brilhantemente discorrem, em sua estrutura.

A acusação de que Eiland e Jennings não sejam “apropriadamente” benjaminianos nesta biografia pode ser injusta se tomada de forma inflexível. Esta acusação, entretanto, não tira o mérito deste projeto fantástico com grandes contribuições àqueles que se dedicam seja à obra de Benjamin, seja à história alemã ou à história social e cultural do Século XX. É especificamente na abordagem dos temas caros à Benjamin que esta biografia contribuirá à continuidade do legado deixado pelo filósofo. Não há, aí, tema algum que tenha sido deixado de fora: linguagem, literatura, religião, a questão do comunismo, teatro e jogos infantis, história e etc. Basicamente todos os temas abordados pelos autores que trazem, não de forma simplista, importantes reflexões. De modo geral, portanto, essa biografia é, como declarado no início, uma contribuição importante para o estudo da obra de Walter Benjamin. Não me arriscando em dizer que é possível, na atualidade, falar de “estudos benjaminianos”, esta biografia não tardará em se tornar um livro de cabeceira aos aspirantes. Esperemos que, ao invés de se tornar a prova de admissão ao culto benjaminiano, ela ajude a desconstruí-lo. Esperemos também que essa

obra alcance logo o público brasileiro, atualizando as referências à disposição da academia, inclusive, cujo trabalho em torno da obra de Benjamin se encontra, inegavelmente, entre os melhores da atualidade.

## REFERÊNCIAS

- JAY, Martin; SMITH, Gary. "A Talk with Mona Jean Benjamin, Kim Yvon Benjamin and Michael Benjamin." In: Helga Geyer-Ryan (org.). *Perception and Experience in Modernity*, Benjamin Studien/Studies 1. Amsterdam: Rodopi, 2002, p.111-125
- ROSS, Alison. *Walter Benjamin's Concept of the Image*. London; New York.: Routledge, 2015.